

A Teoria da Idade Crítica no aprendizado de línguas estrangeiras

Magaly Ferrari*

Introdução

No aprendizado de línguas estrangeiras ou de uma segunda língua, observa-se que há diferenças entre os adultos e as crianças. As crianças apresentam mais facilidade e maior sensibilidade para aprendizagem de línguas do que os adultos. Como professora de inglês há vinte anos, tanto em cursos regulares em escolas públicas quanto em aulas particulares, tenho acompanhado, de perto, alunos de diferentes faixas etárias e evidencia-se que as crianças, ao longo do tempo, apresentam um desenvolvimento superior ao dos adultos, principalmente no que diz respeito à pronúncia, à compreensão auditiva, à utilização de estruturas lingüísticas referentes às marcas gramaticais de tempos verbais, gênero e número. A partir desta constatação surgiu, então, o desejo de aprofundar mais o assunto e verificar que estudos têm sido realizados para comprovar esses dados colhidos da experiência profissional de longos anos e que implicações essas evidências podem trazer para o ensino de línguas estrangeiras.

Para explicar a relação entre a idade do aprendiz e a sua potencialidade para o sucesso na aquisição da linguagem, foi proposta a Teoria do Período Crítico que tem sido amplamente discutida e, também, tem gerado bastantes polêmicas.

Há várias questões que surgem referentes a esta teoria. O aprendizado de uma segunda língua e da língua estrangeira, depois do período crítico, seria afetado apenas no aspecto fonológico (pronúncia, especialmente em relação ao sotaque), na compreensão auditiva? Ou em outras áreas como a sintaxe (ordem das palavras, estrutura da frase), a morfologia (marcas gramaticais de tempos verbais, gênero, número) e o léxico?

* Mestranda em Letras/PUCRS.

Para esclarecer essas questões, pretende-se analisar a Teoria do Período Crítico para o aprendizado da segunda língua e da língua estrangeira sob vários aspectos. A primeira análise será feita através dos resultados encontrados em pesquisas realizadas com pessoas de diferentes idades, residentes em países estrangeiros. A segunda será realizada pelo relato de dois casos de alunos brasileiros, aprendizes da língua inglesa como língua estrangeira durante o período de sete anos.

1 A Hipótese do Período Crítico na aquisição da língua materna

A Hipótese do Período Crítico sugere que há um período específico e limitado para a aquisição da linguagem. Há duas versões para essa abordagem. A primeira assume uma postura radical frente ao problema: após a puberdade, a aprendizagem da língua materna não poderá ocorrer. A outra versão propõe que a aprendizagem será mais difícil de acontecer ou ocorrerá de maneira incompleta após a puberdade. Embora seja difícil encontrar casos que comprovem essa teoria quanto à aquisição da língua materna, existem situações raras em que crianças não estiveram expostas à linguagem, como é o caso de Victor e Genie.

O primeiro experimento natural é o do menino de doze anos que foi encontrado nu vagando pelos bosques de Aveyron, na França, em 1799. Um médico tentou ensinar-lhe a língua, mas o resultado não foi o esperado. Victor não utilizava as palavras, mesmo precisando delas para comunicar as suas necessidades mais prementes, como pedir um alimento, estando com fome.

Outro caso que se tornou famoso, descrito por Curtiss (1977), foi o de Genie, uma menina de 13 anos, encontrada em 1970, que sofria maus tratos e vivia quase que completamente isolada de sua família. Quando foi descoberta, recebeu atenção, educação e tratamento psiquiátrico. Mesmo Genie tendo se desenvolvido em muitos aspectos, como o social e o cognitivo, sua linguagem não apresentava um desenvolvimento normal. O ritmo da aprendizagem da linguagem era mais lento, havia inconsistência no uso de formas gramaticais, uso constante de enunciados formulaicos e de discursos de rotina, ausência de formas sintáticas e de mecanismos sempre presentes no desenvolvimento normal da criança, e, também, pôde-se observar uma enorme distância entre a compreensão e produção.

Para comprovar a teoria do período crítico quanto à aquisição da primeira língua, Elissa Newport (1990) e outros pesquisadores fizeram experimentos com pessoas surdas de diferentes idades aprendendo a Língua Americana de Sinais. Os sujeitos foram divididos em três grupos: aqueles que foram expostos, desde o nascimento, à língua de sinais; os que começaram a aprendizagem dos quatro aos seis anos na escola e o último grupo formado por aprendizes de doze anos. A pesquisa tinha como objetivo verificar se os aprendizes dos diferentes grupos possuíam a habilidade de produzir e compreender estruturas gramaticais. Quanto à ordem das palavras, não ocorreram diferenças significativas entre os grupos, mas, na utilização de marcadores gramaticais, o primeiro grupo obteve escores maiores que os demais. Embora os outros grupos utilizassem formas adotadas pelo primeiro grupo, eles produziam formas consideradas agramaticais pelos que aprenderam a língua ao nascer.

Esses casos acima mencionados vêm comprovar a Hipótese do Período Crítico para a aquisição da linguagem. Penfield e Roberts (1967), assim como Lenneberg (1967), os precursores dessa abordagem, comungam a idéia de que mudanças biológicas ocorrem no cérebro no período da puberdade. A idade ideal para a aquisição da linguagem ocorre nos primeiros dez anos de vida da criança. Nesse período, o cérebro apresenta o seu ponto máximo de plasticidade, sendo que, após a puberdade, o órgão perderia essa característica e os hemisférios esquerdo e direito passariam a funcionar separadamente.

A partir dessas transformações, a aquisição da língua materna como o aprendizado da segunda língua tornar-se-iam mais difíceis de ocorrer. Lenneberg propõe que as capacidades lingüísticas dos indivíduos dependem de três momentos cruciais para a aquisição da linguagem. O primeiro é considerado ideal, durando dos dois aos três anos de idade e, caso haja problemas de lesões, elas serão facilmente recuperadas. O segundo, que ocorre aos quatro anos, é um período de estabilização – pode ser elaborado e restaurado até o início da puberdade. O último é o da puberdade, sugerindo que a aquisição da linguagem parece ser impossível, pois, se houver problemas de lesões cerebrais no hemisfério esquerdo, a recuperação e restauração do sistema adquirido são mais difíceis de acontecer. O hemisfério esquerdo está, portanto, predisposto para a aquisição da língua num estágio apropriado de maturação (Menuzzi, 2001).

2 A Hipótese do Período Crítico na aquisição da segunda língua

Os estudos realizados para analisar o aprendizado da segunda língua e os possíveis efeitos da idade nesse processo são feitos com imigrantes de diferentes idades residentes em outros países e que precisaram aprender a língua para comunicar-se com a comunidade local.

Jaqueline Johson e Elissa Newport (1989) fizeram pesquisas com 46 coreanos e chineses, que foram para os Estados Unidos em diferentes faixas etárias. Participaram, também, 23 falantes nativos de língua inglesa. Essa pesquisa tinha o objetivo de verificar se havia relação entre a idade em que o processo da aquisição da linguagem iniciou e a competência dos sujeitos no uso da língua. As pesquisadoras queriam averiguar se a Hipótese do Período Crítico se confirmaria.

Foram aplicadas aos sujeitos tarefas de julgamento gramatical para a testagem de vinte regras de morfologia e de sintaxe da língua inglesa (tempo verbal, pluralização dos substantivos, concordância verbal, ordem das palavras, formulação de questões, uso de artigos e de pronomes). Ao ouvirem as frases gravadas em fitas, os sujeitos teriam que julgar se elas eram bem formadas ou não.

Os resultados dos testes foram os seguintes: o grupo de indivíduos que iniciou sua exposição à língua inglesa entre 3 e 15 anos demonstrou competência no uso da língua. Os escores dos indivíduos desse grupo foram superiores a 240. Já o grupo dos indivíduos entre 17 e 39 anos atingiu um nível de competência inferior ao dos mais novos. Apenas um sujeito obteve um escore superior a 240 respostas. Nesse grupo evidencia-se uma maior variação individual.

Ficou claro que esses resultados obtidos na pesquisa comprovam a teoria proposta por Lenneberg que sugere que o processo de maturação cerebral é que condiciona as capacidades mentais dedicadas à aquisição da linguagem.

Mark Patkowski (1980) também realizou estudos cujo foco é o efeito da idade na aquisição de determinados aspectos da segunda língua que não apenas o sotaque. Sua hipótese é que, se a aquisição da segunda língua ocorre após os quinze anos de idade, os aprendizes não atingem os mesmos níveis de proficiência dos falantes nativos.

Foram testados 67 sujeitos imigrantes de idades diferentes, estabelecidos nos Estados Unidos por mais de cinco anos. Quinze falantes nativos, com nível de educação semelhante ao do grupo

dos imigrantes, fizeram parte da pesquisa. As entrevistas com cada um dos sujeitos foram gravadas e Patkowski, como não queria que os resultados fossem influenciados pelo sotaque, transcreveu cinco minutos das amostras. Foram importantes os resultados. Os sujeitos que começaram a aprender a língua inglesa antes dos 15 anos tiveram os escores maiores, isto é, ficaram nos níveis 4+ ou 5 numa escala de 0 a 5. Esse grupo apresentou uma homogeneidade quanto à aquisição da segunda língua. Porém, o grupo de sujeitos que começou esse processo depois da puberdade ficou, em média, no nível 3+ apresentando uma variação individual bastante significativa, assim como na pesquisa de Johson e Newport (1989). Essa variação individual se deve a outros fatores que passam a ser relevantes, como por exemplo, a inteligência, a motivação.

Embora o fator idade seja importante para o sucesso da aquisição da segunda língua, há outros elementos que não podem ser desconsiderados, nessa pesquisa, como o tempo em que o indivíduo residia nos Estados Unidos. Mas, pelo estudo de Patkowski, evidenciou-se que a pessoa residente nos Estados Unidos por vinte anos não teve um escore maior do que aquele que residia lá há dez anos. O mesmo ocorre com o nível de instrução que, ao ser separado da idade, não prevê o sucesso para a aquisição da segunda língua.

Os resultados encontrados por Patkowski, em suas pesquisas, também dão suporte à Teoria do Período Crítico para a aquisição da segunda língua, que parecia apenas estar restrita ao sotaque.

Catherine Snow e Marian Hoefnagel-Höhle (1978) publicaram um artigo com os resultados de seu trabalho realizado na Holanda, focando o progresso de grupo de falantes de língua inglesa na aquisição do holandês como segunda língua.

As pesquisadoras dividiram os sujeitos em três grupos. O primeiro foi composto por crianças de 3 a 10 anos, o segundo, por adolescentes de 12 a 15 anos e o último, por adultos de 18 a 60 anos. Foram analisados, nessa pesquisa, vários tipos de conhecimentos da língua: a pronúncia, a discriminação auditiva, a morfologia. As tarefas propostas eram constituídas por repetição de frases, tradução, julgamento de frases, teste de vocabulário com figuras, compreensão e narração de histórias.

As crianças e os adolescentes que compuseram a amostra estudavam em escolas holandesas e alguns adultos trabalhavam em locais onde a língua holandesa era falada, mas muitos de seus colegas falavam inglês e outros adultos trabalhavam em casa e tinham menos contato com a língua.

Os sujeitos foram testados três vezes num intervalo de quatro a cinco meses. Os primeiros testes ocorreram dentro dos seis meses da chegada deles à Holanda e, também, num período de seis semanas a partir do início das aulas e do trabalho no ambiente de fala holandesa.

Snow e Hoefnagel-Höhle (1978) observaram que os adolescentes foram os que obtiveram os maiores escores nos testes e foram eles que, nos primeiros meses, fizeram os maiores progressos na aquisição da língua. De maneira surpreendente, foram os adultos que se saíram melhor que as crianças e que os adolescentes no teste de pronúncia e nos demais na primeira sessão. Mas, no final da pesquisa, as crianças superaram os adultos em muitos aspectos, como, por exemplo, a pronúncia, a compreensão e a narração de histórias.

Embora haja um ganho inicial dos adultos e dos adolescentes em relação às crianças nos testes, com o tempo, as crianças acabam superando os primeiros quando expostos a uma situação natural de aprendizagem. Além disso, pôde-se observar que há diferenças na velocidade da fala dos adultos e das crianças. Os sujeitos de 5 a 15 anos alcançaram a velocidade de 1,4 por segundo, sendo maior do que a inicial que era de 0,15 a 0,8 palavras por segundo, enquanto que os adultos obtiveram a velocidade de 0,8 palavras por minuto, das 0,6 palavras por minuto utilizadas inicialmente. Os sujeitos que aprendem a segunda língua antes da idade crítica parecem falar com maior rapidez do que os adultos, sugerindo, por conseguinte, que as crianças têm maior controle fonológico da segunda língua que os demais.

Há várias pesquisas que procuram analisar o aspecto fonológico que parece ser o que é mais atingido pela idade do aprendiz.

Scovel (1988), no seu livro *A time to speak: a psycholinguistic inquiry into critical period for human speech*, apresenta o que ele chamou de fenômeno Conrad. O pesquisador refere-se à limitação do famoso escritor polonês Joseph Conrad, que, embora tenha escrito obras-primas da literatura inglesa, abriu mão de dar palestras nessa língua, atividade essa de prestígio e financeiramente lucrativa nos Estados Unidos, por não ter fluência na habilidade oral. O escritor iniciou a aquisição da língua inglesa aos 18 anos e, para Scovel, isso vem confirmar que a aquisição fonológica da segunda língua é a que mais sofre influência da idade no processo de aprendizagem.

Scovel (1969), baseado nas idéias de Lenneberg (1967) considerando a condição ótima para a aquisição da segunda língua, desenvolve um estudo de reconhecimento de sotaque. 117 estudantes do ensino médio, falantes nativos da língua inglesa e não

treinados, puderam, facilmente, reconhecer os falantes não nativos, ouvindo duas vezes uma passagem curta de uma saudação gravada por dez sujeitos. A amostra foi composta por 5 falantes nativos de inglês americano e 5 falantes não nativos que aprenderam a língua inglesa depois da puberdade. Evidenciou-se que o aspecto fonológico é afetado pela idade em que a língua foi adquirida, mas que a habilidade de produção escrita é bastante desenvolvida, quase que impossível de ser percebida.

Outras pesquisas foram realizadas por Scovel (1967) que também comprovam a Hipótese da Idade Crítica na aquisição fonológica da segunda língua. 146 sujeitos, mesmo crianças falantes nativos de língua inglesa, reconheceram, com facilidade, o sotaque da pronúncia dos estrangeiros. As crianças alcançaram um nível de adequação semelhante ao do adulto aos 9 e 10 anos de idade. Já 96 estudantes de faculdades americanas apresentaram um desempenho inferior, sendo superados, mesmo os de níveis avançados, por crianças de 6 anos, falantes nativos de língua inglesa e por 23 afásicos. Esses estudantes universitários moraram no país por 5 anos e começaram a aquisição da língua a partir de 15 anos. Na produção escrita, os sujeitos mais uma vez, como em pesquisas anteriores, atingiram altos níveis de competência – os ensaios escritos pelos sujeitos não puderam ser reconhecidos pelos falantes nativos que julgaram essa habilidade.

Há pesquisas realizadas por Asher e Garcia (1969); Seliger, Krashen e Ladefoged (1975); Oyama (1976); Tahta, Wood e Loewenthal (1981), revistas por Scovel (1967), que, como já foi mencionado, assume uma posição favorável à abordagem do período crítico. Embora as metodologias empregadas fossem diferentes, o principal objetivo desses estudos era analisar a aquisição da segunda língua em imigrantes de vários países e a influência da idade nesse processo. Por exemplo, Oyama (1976) focou esse processo num tempo mais longo (5 anos) e os demais pesquisadores incluíram indivíduos residentes no país entre 1 e 2 anos. Houve variações, também, no número dos componentes das amostras; 60 indivíduos para Oyama (1976) e 394 para Seliger (1975).

Em todos os estudos foram encontradas evidências quanto à vantagem que os aprendizes mais jovens levam sobre os mais velhos na aquisição da segunda língua. É o caso de Tahat, Wood e Loewenthal (1981) que puderam observar que, a partir dos 8 anos, a habilidade das crianças americanas de imitar modelos de entonação do francês e do armênio diminuía consideravelmente. Não foram encontradas outras razões para essas diferenças, como por exemplo, fatores emocionais que também foram testados. Scovel

(1988) concluiu, a partir desses estudos, que não se pode negar a influência da idade para que o aprendiz tenha uma pronúncia semelhante à do falante nativo e que fatores não biológicos, sociais, não podem explicar esse fenômeno.

Long (1990) acredita que há períodos críticos que regulam a aquisição, tanto da primeira língua quanto da segunda, e que essa influência não ocorre apenas na parte fonológica, que vai diminuindo com a idade, mas em outros domínios da linguagem. Para ele, essas restrições não ocorrem na puberdade, como sugerem outros pesquisadores, mas aos 6 anos, e propõe que a existência de um calendário maturacional é independente do desenvolvimento cognitivo geral do indivíduo. Para comprovar sua hipótese das restrições maturacionais, o pesquisador utiliza-se dos estudos realizados com crianças aprendendo a Linguagem Americana de Sinais de Newport (1990) e dois casos de crianças selvagens de Cur-tiss (1977); Mason (1942).

Porém, a posição desse pesquisador de que a criança deve estar exposta à língua antes dos 6 anos de idade, para ter um desenvolvimento fonológico como de um falante nativo, não é confirmada pelos dados encontrados.

Pesquisas como as de Tahta et al. (1981) puderam constatar que, de 60 sujeitos, que começaram a aquisição da língua entre 7 e doze anos, 31 não apresentaram sotaque. O estudo de Oyama (1973), que analisou a mesma faixa etária para o início da aquisição, observou que 8 dos 25 sujeitos não tinham sotaque mesmo sendo submetidos a testes com nível alto de dificuldade. Patkowski (1990), em sua pesquisa, verificou que, de 23 sujeitos que iniciaram a aquisição da segunda língua dos 7 aos 15 anos, 8 tinham uma pronúncia considerada como a de um falante nativo. Long (1990), porém, a partir da revisão e análise de pesquisas, admite que, para algumas crianças, as restrições fonológicas começam aos 12 anos.

Na verdade, o início das restrições fonológicas varia um pouco conforme os dados encontrados nas pesquisas anteriormente mencionadas, mas há uma clara tendência de que o marco é o período da adolescência. Para Tahta et al. (1981), a idade limite ocorre aos doze anos, para Oyama (1973), aos 11 anos e, para Patkowski (1990), aos 15 anos. Outros pesquisadores, como Asher e Garcia (1969) e Seliger et al. (1975), não encontraram evidências que comprovem a ideia da idade limite para a aquisição fonológica da segunda língua. Na primeira pesquisa, foi observado que todos os 71 sujeitos analisados tinham sotaque e, na segunda, que 12 sujeitos de 173 que começaram a aquisição depois dos 15 anos acreditavam que não tinham sotaque.

Embora haja pesquisadores favoráveis à Teoria da Idade Crítica, há outros que assumem uma posição de ceticismo quanto ao assunto. É o caso de Singleton (1989), que, embora acredite nas ideias de Lenneberg (1967) de que existe um marco biológico no aprendizado a partir dos estudos feitos na aquisição da primeira língua, considera o tema ainda confuso e contraditório. Ele sugere que a aquisição da língua pode continuar depois do período crítico, isto é, na fase adulta principalmente em relação ao vocabulário e ao desenvolvimento de habilidades meta-memoriais.

Singleton (1989) faz a revisão de quatro pontos, que, na sua opinião, são importantíssimos para o problema da idade crítica para a aquisição da segunda língua: primeiro, os mais jovens encontram-se numa posição privilegiada em relação aos adultos; segundo, os mais velhos encontram-se em posição melhor que os mais novos; terceiro, os mais jovens levam vantagem sobre os mais velhos quanto à pronúncia semelhante à do falante nativo (sotaque) e às habilidades interpessoais de comunicação; o último refere-se à vantagem que os mais jovens têm sobre os mais velhos ao longo do tempo.

Há problemas quanto à avaliação das três primeiras posições, visto que não são feitas distinções quanto ao tipo de pesquisa realizada: de médio ou de longo prazo. O pesquisador analisa fatos e estudos realizados para verificar a validade da primeira questão. Ele relata o fato de que na Índia, em 1925, as crianças de 4 a 5 anos eram utilizadas como intérpretes para os adultos poderem comunicar-se com os empregados da casa. Menciona as pesquisas americanas sobre os efeitos das línguas estrangeiras nos programas de estudos dessas línguas nas escolas primárias em 1960, analisa os estudos realizados por Oyama (1973), Seliger et al. (1975) e conclui que os dados encontrados não dão suporte à primeira hipótese. Para a questão dois, ele analisa estudos de curto prazo envolvendo instrução formal e, também, investigações de longo prazo, em exposição natural e conclui, a partir daí, que não há evidências para confirmar essa hipótese. Na questão três, os estudos envolvendo exposições naturais, instrução formal em línguas de fato existentes e artificiais não dão suporte a esta hipótese. E, para o último ponto, Singleton (1989) sugere que o QI tem uma grande influência nos adultos para a aquisição da segunda língua. Segundo Patkowski (1994), as evidências encontradas no processo são confusas e difíceis de ser interpretadas e não chega a conclusão nenhuma quanto à superioridade, ou não, das crianças na aquisição da segunda língua em condições naturais em pesquisas longitudinais.

3 Hipótese do Período Crítico no aprendizado da língua estrangeira

As pesquisas acima descritas foram realizadas com aprendizes adquirindo uma segunda língua em situação de exposição natural. Para ilustrar, também, a Teoria do Período Crítico para a aprendizagem da língua estrangeira, realizada de maneira instrucional, há dois casos que parecem ser relevantes. A partir das aulas particulares ministradas, por sete anos a dois alunos brasileiros, estudantes de inglês como língua estrangeira que começaram a estudá-la em idades diversas, pôde-se observar diferenças consideráveis em seus desempenhos e no uso da língua. O primeiro iniciou a aprendizagem da língua aos oito anos e o outro, aos 31 e ambos tiveram duas horas de aula por semana. O primeiro, no final dos sete anos, apresentou, sob o aspecto fonológico quase que a performance de um falante nativo, o seu sotaque era mínimo. Além disso, a percepção auditiva bastante aguçada. Evidenciou-se fluência na habilidade oral – falava com rapidez, sem fazer muitas pausas e utilizava, com propriedade, as estruturas e marcas gramaticais. O segundo, ao contrário, no final desse período, revelou um sotaque bem acentuado da língua portuguesa e pouca fluência na habilidade oral, fazendo muitas pausas para expressar seu pensamento e apresentando bastante dificuldade para utilizar as estruturas sintáticas e morfológicas da língua inglesa. O aprendiz que iniciou a aprendizagem antes da puberdade apresentou maior competência no uso da língua.

Conclusões e implicações para o ensino de línguas estrangeiras

Há variações individuais na aprendizagem de uma língua estrangeira que refletem a influência de outros fatores agindo nesse processo. Após a puberdade, há aspectos relevantes para aprendizagem da língua estrangeira como: interesse, necessidade, motivação, inteligência, inibição, experiência prévia na aprendizagem de outra língua, aspectos culturais. Para algumas pessoas, manter o sotaque da língua materna significa não perder a sua identidade cultural, para outros, ao contrário, as pessoas identificam-se com uma determinada cultura e desejam integrar-se a ela, facilitando, assim, o processo de aprendizagem. Um adulto, portanto, pode empenhar-se na aprendizagem da língua estrangeira e ser bem sucedido, principalmente, no que diz respeito às habilidades de leitura, de escrita e de ampliação do vocabulário.

Mas é inegável que o desempenho daquele indivíduo que começou a aprendizagem da língua antes da puberdade é de melhor qualidade do que o daqueles que iniciaram depois desse período. As crianças apresentam uma maior facilidade para o aprendizado da língua estrangeira ou da segunda língua, principalmente no aspecto fonológico: a interferência da primeira língua é mais acentuada nesta particularidade, dificultando o processo de aprendizagem. A percepção do adulto na identificação de sons específicos de uma determinada língua é menor que a dos mais jovens e a produção dos mesmos pelos adultos é bastante dificultada. A sintaxe, a morfologia (uso de marcas gramaticais) são fatores, também, afetados pela idade em que teve início o aprendizado da língua estrangeira. O adulto não tem a mesma percepção dos mais jovens no que tange às regras sintáticas e morfológicas, e é por isso que os indivíduos que aprenderam mais cedo a língua têm mais facilidade, maior rapidez e agilidade para percebê-las e utilizá-las. Aqueles que iniciam o aprendizado mais cedo têm ganhos reais na competência e desempenho da língua estrangeira. Portanto, é importante verificar quais as implicações que a Teoria da Idade Crítica pode trazer para o ensino de línguas estrangeiras.

A maioria das escolas, sejam elas públicas ou particulares, prioriza o desenvolvimento de habilidades de leitura e de escrita, relegando, na maioria das vezes, a pronúncia e a compreensão auditiva para segundo plano. O aprendiz, como se pôde observar através das pesquisas acima mencionadas, até a adolescência tem uma sensibilidade aguçada para a aquisição fonológica. Portanto, ele perde um tempo precioso que poderia ser utilizado para o desenvolvimento dessas habilidades, dificultando o seu aprendizado mais tarde. Embora os alunos de escolas particulares comecem o seu aprendizado de línguas estrangeiras mais cedo do que os das escolas públicas, eles apresentam esse mesmo tipo de carência que é, no geral, suprido nas escolas de idiomas ou por meio de aulas particulares.

Surge, também, a partir das reflexões sobre essa teoria, a necessidade de uma reformulação da política de ensino de línguas estrangeiras, principalmente, no Ensino Fundamental das escolas da Rede Pública Estadual que, em geral, colocam, em suas bases curriculares, o ensino da língua estrangeira a partir da sexta-série (alunos de, aproximadamente, 12 anos) – período já considerado crítico para a aprendizagem – com uma carga horária baixa – uma a duas horas semanais, enfatizando a leitura e a escrita. Uma das

alternativas para esse problema seria a criação de centros de línguas nas escolas, pois, quanto mais cedo iniciarem o aprendizado de uma língua estrangeira, orientados por profissionais qualificados, e com uma metodologia apropriada para as diversas faixas etárias, em grupos menores, mais cedo os alunos ficarão sensíveis à língua e melhor competência terão ao utilizá-la. Sendo assim, os aprendizes terão maiores possibilidades de terem acesso à cultura, de integrarem-se no mercado de trabalho e de comunicarem-se com outros povos, cujas distâncias têm se encurtado cada vez mais. Dessa forma, os aprendizes tornar-se-ão cidadãos do mundo, e não excluídos dele.

Referências bibliográficas

- ASHER, J.; GARCIA, R. The Optimal Age to Learn a Foreign Language. *Modern Language Journal*, v. 53, p. 334-341, 1969.
- CURTISS, S. *Genie: A Linguistic Study of a Modern Day "Wild Child"*. New York: Academic Press, 1977.
- JOHNSON, Jacqueline; NEWPORT, Elissa. Critical period effects in second language learning. The influence of maturational state on the acquisition of English as a Second Language. *Cognitive Psychology*, v. 21, p. 60-99, 1989.
- LENNEBERG, E. *Biological Foundations of Language*. New York: John Wiley, 1967.
- LONG, M. Maturational Constraints on the Language Development. *Studies in Second Language Acquisition*, v. 12, p. 251-285, 1990.
- MENUZZI, Sérgio. Sobre a Evidência para a Maturação de Universais Lingüísticos. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, PUCRS, v. 36, p.141-166, 2001.
- NEWPORT, E. Maturational Constraints on Language Learning. *Cognitive Science*, v. 14, p. 11-28, 1990.
- OYAMA, S. *A Sensitive Period for the Acquisition of a Second Language*. Unpublished doctoral dissertation, Harvard University, Cambridge, MA, 1973.
- . A Sensitive Period for the Aquisition of a Phonological System. *Journal of Psycholinguistic Research*, v. 5, p. 261-283, 1976.
- PATKOWSKI, Mark S. The Sensitive Period for Acquisition of Syntax in a Second Language. *Language Learning*, v. 2, n. 2, p. 449-72, 1980.
- . Age and Accent in a Second Language. A reply to James Emil Flege. *Applied Linguistics*, v. 11, p. 73-89, 1990.
- . The Critical Age Hypothesis and Interlanguage Phonology. In: YAVAS, Mehmet (ed.). *First and Second language Phonology*. San Diego: Singular Publishing Group, INC, 1994.

PENFIELD, W.; ROBERTS, L. *Speech and Brain Mechanisms*. New York: Atheneum, 1959.

SCOVEL, T. *Foreign Accents, Language Acquisition, and Cerebral Dominance Language Learning*, v. 19, p. 245-254, 1969.

SELIGER, H.; KRASHEN, S.; LADEFOED, P. Maturational Constraints in the Acquisition of Second Language Accent. *Language Sciences*, v. 36, p. 20-22, 1975.

———. *A Time to Speak: A Psycholinguistic Inquiry into the Critical Period for Human Speech*. Cambridge, Mass: Newbury House, 1988.

SNOW, Catherine; HOEFNAGEL-HOHL, Marian. The critical period for language acquisition: Evidence from Second Language Learning. *Child Development*, v. 49, p. 114-28, 1978.

TAHTA, S.; WOOD, M; LOEWENTHAL, K. Foreign Accents: Factors Relating to Transfer of Accent from the First Language Learning. *Child Development*, v. 24, n. 3, p. 265-272, 1981.